

Parte 1 - 500 anos de presença judaica no Brasil

1º capítulo - Resgate histórico da vivência judaica no Brasil

Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro

Rachel Mizrahi

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MIZRAHI, R. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: LEWIN, H., coord. Agradecimento. In: *Identidade e cidadania: como se expressa o judaísmo brasileiro* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009, pp. 160-173. ISBN: 978-85-7982-018-2. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro¹

Rachel Mizrahi²

Os judeus, apesar das guerras, das baixas expectativas de vida, das perseguições antissemitas, acompanhando o crescimento geral da população mundial, atingiram no alvorecer do século passado, o número de 12 milhões de seres. Destes, cerca de meio milhão vivia no Oriente Médio, compondo a quinta comunidade, depois da Rússia, do Império Austro-Húngaro, Estados Unidos e Alemanha³.

No milenar contato com povos dos velhos continentes, os judeus absorveram valores e padrões de comportamentos possibilitando a existência de diferenciados grupos culturais. Ao lado da maioria *asquenazi* em terras europeias, temos os *sefaraditas*, de idioma ladino, os judeus da Itália, os do Magreb (norte da África), os iraquianos, os sírio-alepinos, os iemenitas, os persas, os de Bukhara do Ubequistã, os falashas da Etiópia e outros mais. A convivência de 13 séculos entre judeus e árabes aproximou-os em larga medida, alimentando uma tradição judaico-islâmica, paralela a judaico-cristã do mundo ocidental⁴. Embora intensa, a “arabização” não atingiu a religião e as tradições judaicas.

A expulsão dos judeus da Espanha em 1492 e a conversão forçada em Portugal de 1497 produziram a *Diáspora Sefaradi*, levando judeus e cristãos novos a buscarem refúgio em outras áreas europeias e nas do Império Otomano. Nas terras mediterrâneas, os judeus ibéricos posicionaram-se em núcleos urbanos da Itália, Balcãs e África do Norte, constituindo uma rede familiar de relações socioeconômicas, tornando

¹ O texto é parte do *Os judeus do Oriente Médio em São Paulo e Rio de Janeiro*. Ateliê Editorial, São Paulo, no prelo.

² Doutora em Sociologia / USP

³ Justin McCarthy. Jewish Population in the late Ottoman Period. In, Avigdor Levy. *The Jews of Ottoman Empire*. Princeton, N.J. Washington, D.C. 1994, p.375.

⁴ Avigdor Levy. *The Jews of the Ottoman Empire*. N. Jersey: The Darwin Press, Inc., 1992, Introdução.

válida a ideia de que o Mediterrâneo era um mar sefaradi ou “Mare Nostrum Sephardicum”, utilizada por alguns historiadores.

Bayasid II, sultão do Império Otomano (1481-1512), conhecendo a relevância dos refugiados e as circunstâncias de saída da Espanha, recebeu os *sefaraditas* em seus vastos domínios, questionando o bom-senso dos reis católicos Fernando e Isabel ao decretar a expulsão em 31 de março de 1492. O sultão e seus sucessores valeram-se dos préstimos e conhecimentos dos *sefaradis* não só para a expansão e desenvolvimento do comércio regional e internacional, como no incremento das finanças, da diplomacia, nos negócios bancários, na corretagem e na ourivesaria. Os refugiados judeus foram designados pelos dirigentes otomanos a importantes cargos políticos-administrativos, participando, inclusive, da estratégia de colonização de áreas do vasto Império. Os positivos contatos entre eles permitiram que laços de identidade se solidificassem ao longo dos séculos, numa convivência de mútuo e duradouro respeito.

Foi curioso o encontro cultural entre os *sefaradis* e os diversos grupos de judeus do Oriente Médio. O orientalista Issachar Ben Ami, professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, estudando a interação cultural produzida, assinalou que os contatos entre os *sefaradis* e os judeus-orientais seguiram três caminhos distintos: assimilação total dos exilados com os autóctones; preservação completa ou parcial da cultura dos exilados e, a influência direta e recíproca entre os dois grupos⁵. Ben Ami acrescentou que os processos de interação dependeram da aproximação e afastamento dos envolvidos, em função das condições locais e da realidade numérica dos envolvidos.

Os otomanos conquistaram terras do ocidente e oriente, formando um imenso Império. Em meados do século XVI, os otomanos conquistaram Jerusalém. Sua expressividade está ligada ao “Muro das Lamentações”, parte da grande ala do Segundo Templo, erguido em 518 a.C. sobre os alicerces do Primeiro, inaugurado por Salomão em 960, antes da era comum. Em torno da velha Jerusalém, uma comunidade, o *ishuv original*, subsistia pela filantropia. Ao norte, Safed, transformada em núcleo administrativo otomano, foi ocupada por cabalistas espanhóis, entre os

⁵ Ben Ami Issachar. Sephardi and Oriental Jewish Heritage. Universidade Hebraica de Jerusalém, 1982. In, *Identidade Sefaradi: Aculturação e Assimilação*. Novinsky e Kuperman. Ibéria Judaica. Roteiros da Memória. São Paulo, EDUSP, 1996, p.343 e seg.

quais, Isaac Ben Salomão Luria (1534-1572) que transformou a cidade em centro de estudos místicos.

Os judeus do Império Otomano, organizados em comunidades autônomas – *Millets*⁶ – viviam sob a supervisão de um religioso, o *chahani*⁷. Preservando o idioma materno e costumes típicos, as comunidades, onde viviam alguns *asquenazis*⁸, puderam reforçar suas identidades culturais e religiosas.

Dos grupos culturais do Oriente Médio, dirigimos atenção aos *moçárabes* ou *judeus-orientais*⁹ e aos *sefaradis*, situados em cidades próximas aos dirigentes otomanos. Os primeiros, de expressiva tradição judaica oral, viviam em terras de maioria árabe-muçulmana. Os *sefaradis*, atentos e observantes dos preceitos religiosos e familiares utilizavam-se do *ladino* ou *judezmo*, *espanyol* ou *didjio*, misto de palavras espanholas, portuguesas, árabes, hebraicas e turcas. O trauma da expulsão parecia não ter sido por eles superado, pois tanto portugueses como espanhóis em diversas terras otomanas, permaneceram ligados às origens e tradições judaicas ancestrais ibéricas.

Na primeira década do século passado, os conflitos regionais, a pobreza, o desemprego e o serviço militar obrigatório, exigido pelos nacionalistas turcos – “Jovens Turcos”, constituíram-se em fatores que levaram judeus e outros grupos étnico-religiosos do Oriente Médio a emigrar. A maioria optou por terras da América, particularmente os Estados Unidos. Dados demográficos revelam entrada de quase 3.000.000 de judeus no país, entre 1876 a 1926¹⁰. O sistema de cotas, adotado pela política imigratória americana nas primeiras décadas do século XX, levou a que os responsáveis pelas embarcações dirigissem os imigrantes para países da

América Latina. A Argentina e o Brasil receberam juntas, no mesmo período, perto de 300.000 imigrantes judeus.

No período, a maioria de judeus europeus, estabelecida em várias cidades brasileiras, dividiu espaço com os judeus do Império Otomano, procedentes da ilha de Rodas e das cidades de Esmirna, Salônica, Istambul, Sidon, Beirute, Jerusalém e Safed.

Identificados pela religião e tradições, os imigrantes judeus no Brasil, expressando-se em idiomas diferentes, organizaram-se separadamente, tomando como matriz suas comunidades de origem. O Rio de Janeiro e, depois, São Paulo atraíram maior número de imigrantes judeus.

Embora a maioria dos sefaradis, predominantemente, tenha procurado a Argentina, o Chile e o Uruguai, número representativo, em médias posições, originários das cosmopolitas cidades otomanas, acomodou-se em bairros residenciais do Rio de Janeiro, São Paulo, Santos e outras cidades brasileiras. O dinamismo econômico levou, nos anos 30, São Paulo a superar a capital do país, pois 2/3 de sua população era procedente dos velhos continentes, notadamente italianos.

Por falar um idioma próximo ao português, a maior parte desses imigrantes integrou-se rapidamente entre as médias e altas camadas da sociedade brasileira. Ligaram-se a negócios de importação e exportação de café, cereais, frutas, tecidos finos, tapetes orientais, seguros e minérios. Além do ladino, os *sefaradis* comunicavam-se em francês, aprendido em colégios confessionais católicos e nas escolas da *Alliance Israélite Universelle* de suas cidades de origem.

Os judeus-orientais, instalados na Mooca, bairro étnico da região leste de São Paulo, identificavam-se pelo idioma e costumes com muçulmanos e cristão-maronitas, imigrantes que chegaram do Oriente Médio nas últimas décadas do século XIX. Embora procedentes do Império turco-otomano, esses imigrantes, em maior número, preferiam ser designados como “sírio-libaneses”, em vista da conotação pejorativa do termo “turco” no período. Vivendo do comércio atacadista da Rua Oriente, no Brás, os sírio-libaneses vendiam diversas mercadorias aos judeus-orientais, conhecidos como os “turcos da prestação” por se ocuparem do comércio ambulante e prestamista. Os *asquenazis*, na mesma profissão, eram conhecidos como os “judeus da prestação”.

⁶ Ellis Rivkin. Uma história de duas diásporas. In: NOVINSKY E KUPERMAN, (org). *Ibéria Judaica: Roteiros da Memória*. São Paulo: EDUSP, 1996, p. 267 e seg.

⁷ O termo hebraico Chaham, sábio, é, comumente, expresso em português com ch inicial. A partir de 1836, o Chaham de Istambul estendeu poder a todas as comunidades judaicas do Império Otomano. In: Norman Stillman, *Op. cit.* p.30 e seg.

⁸ O antisemitismo levou algumas famílias asquenazis se transferirem da Rússia e da Europa Oriental às terras otomanas.

⁹ Apesar de portarem valores culturais distintos, há quem classifique os judeus-orientais como sefaradis. Os professores da Universidade de Jerusalém, entre os quais Margalit Bejarano utilizam-se dos termos diferenciadores.

¹⁰ Sachar. Jewish Publication Society, 1967.

A maioria dos *asquenazis* de São Paulo escolheu viver no Bom Retiro, bairro contíguo ao Brás e a Mooca, próximos à Hospedaria dos Imigrantes. Esses imigrantes expressavam-se em *íidiche*, misto de palavras eslavas, alemãs e hebraicas, o que dificultou a comunicação com os nacionais e judeus de outras origens, apesar da identificação religiosa.

De uma maneira geral, não compreendendo as diferenças, os diversos grupos de judeus, mutuamente se rejeitavam. Aos poucos e, principalmente, movidos pela observância do *Kashrut*, os do Oriente Médio, em menor número, aproximaram-se dos *asquenazis* que se responsabilizaram pelos primeiros estabelecimentos, instituições e pela construção das primeiras sinagogas, construídas em São Paulo.

Embora procedentes de uma mesma região, os judeus do Oriente Médio, *sefaradis* e orientais, diferenciados pelo idioma e costumes, organizaram-se e construíram sinagogas próprias. O regionalismo predominou.

Os judeus da Mooca, embora se expressassem num mesmo idioma, o árabe, construíram duas sinagogas: a *Sinagoga Israelita Brasileira*, conhecida como a dos, de Siadne” (nome árabe da cidade de Sidon) e, a *União Israelita Paulista*, dos de Safadie” (nome árabe da cidade de Safed). O funcionamento dos dois templos numa mesma rua, a Odorico Mendes, não dividiu os imigrantes que compuseram uma só comunidade na Mooca.

A *União Israelita Paulista*, fundada por judeus da cidade de Safed, pautou pela preservação das tradições e receptividade a imigrantes de várias *kehilot* do Oriente Médio. Além dos de Safed e Jerusalém, receberam os *sefaradis* (chamados de “espanhóis”), judeus marroquinos, egípcios e, também, os beirutenses¹¹. Os originários de Sidon, antiga cidade libanesa, predominavam na *Sinagoga Israelita Brasileira*.

O crescimento numérico da comunidade judaica da Mooca foi notável. As famílias, numerosas, permitiram a endogamia. As duas sinagogas, construídas entre 1930 e 1935, tornaram-se pequenas com a entrada de mais famílias que se transferiram do Rio de Janeiro, como os Nigri e os Kalili, impossibilitando a acomodação de imigrantes da mesma origem, refugiados dos países árabes, que chegaram a partir dos anos 50.

¹¹ Na década de 50, Jacques Eskenazi, de Beirute revelou sentir-se mais à vontade na “Sinagoga dos Amar” do que na “dos Nigri”

Em 1924, os *sefaradis* não encontrando rabinos da origem, buscaram *chazanim judeus-orientais* para a direção dos rituais da sinagoga, inaugurada em 1929. Assilam Cohen e Habibe Menram, ambos de Beirute e, Elias Mizrahi, de Safed, co-fundadores da *Sinagoga da União Israelita Paulista*, na Mooca, foram contratados para ajudar Isaac Hayon, Mair Cohen Arias e, depois a Jacob Mazaltov na condução das rezas e serviços comunitários.

Cerimônias típicas identificavam os *sefaradis*. Entre elas, citamos a das “Siete Candeias” (sete velas) e o Bat-Mitzvá. “Fadar uma Menina” ou a festa das “Siete Candeias” é a cerimônia onde sete pessoas homenageiam o nascimento de uma menina; o Bat-Mitzvá celebra a assunção da responsabilidade de uma jovem de 12 anos ao judaísmo. Comum nas comunidades judaicas brasileiras de hoje, esta cerimônia não era observada por *asquenazis* e *judeus-orientais* antes dos anos 60. Em 1938, a comunidade judaica de São Paulo, assistiu pela primeira vez, a oficiada pelo istambuli Jacob Mazaltov, rabino da *Sinagoga Israelita Brasileira do Rito Português*, popularmente conhecida como Sinagoga da Abolição. Na oportunidade, Gabriel Kibrit, amigo de Mazaltov, participante da *Sinagoga Israelita Brasileira* conseguiu reunir jovens de sua comunidade da Mooca à comemoração *sefaradi*.

A receptividade foi marca *sefaradi*. Judeus, originários de diversos países, frequentaram as sinagogas no Rio de Janeiro e a de São Paulo. No início dos anos 30, os judeus alemães, conduzidos pelo rabino Fritz Pinkus, de linha liberal, instalaram-se, pouco depois da chegada, no amplo salão da *Comunidade Israelita Sefaradi*. O grupo não conseguia acomodar-se entre os *asquenazis*, de linha conservadora.

A proximidade entre os rabinos Mazaltov e Pinkus, contribuiu para que algumas das cerimônias de casamentos e preparação ao Bat-Mitzvá de *sefaradis* e *asquenazis* fossem organizadas por eles, em comum acordo.

Além dos *asquenazis*, os *sefaradis* receberam em sua sinagoga, judeus da Itália, da Bulgária, da Grécia, da Iugoslávia, do Marrocos e os imigrantes da década de 50, refugiados dos países árabes¹². Os *sefaradis* dos Bálcãs voltaram ao ocidente, em nova diáspora, diante do antissemitismo

¹² A liberalidade levou-os a perder o controle administrativo e religioso da Sinagoga da Abolição, em fins dos anos 60.

alemão que adentrava pela Europa Oriental. Muitos, não conseguindo sair de seus países, acabaram por perecer em campos de concentração nazistas.

Os imigrantes judeus-italianos dividiram-se entre o culto da *Sinagoga da Abolição* e o da *Congregação Israelita Paulista* dos judeus-alemães, a CIP. Destacamos na sinagoga *sefaradi*, Enzo Ventura, de Trieste que emigrou em 1939. No início dos anos 50, quando o rabino Mazaltov deixou a sinagoga, Enzo Ventura tornou-se “diretor de culto” do templo. Aluno de David Prato, grande rabino de Trieste, Ventura reformulou o trabalho, iniciado na Itália, “*A Bíblia, em versos*”, e editou-a em português. Da mesma forma, a experiência musical de Leonelo Abramo Morpurgo, spalla do Teatro Verdi de Trieste, possibilitou a introdução na CIP de partituras musicais, ainda hoje usadas pelo coro que Morpurgo introduziu¹³.

Em 1933, os *sefaradis* da Abolição, preocupados com a recreação e integração das famílias, fundaram o CIBAT utilizando-se do salão, situado no plano inferior do templo, para a realização dos “primeiros encontros literários e recreativos” da comunidade *sefaradi* de São Paulo. Os judeus-orientais criaram na Mooca, o Grêmio Sinai em 1942 e depois, o Centro Recreativo Hebreu Brasileiro.

Na ONU, a partilha, em 1947, criando o Estado de Israel e o Estado Palestino, intensificou as posturas nacionalistas e o antissemitismo árabe. Sancionada a partilha, a *Grande Sinagoga de Alepo*, na Síria, foi incendiada, fato que chocou os judeus, pois no templo, possivelmente o mais antigo do mundo, guardavam-se manuscritos preciosos¹⁴. Os dirigentes sírios passaram a controlar seus 24.000 judeus, impedindo-os de emigrar para Israel. Negociantes que precisassem viajar poucos quilômetros de suas residências deveriam apresentar-se, obrigatoriamente, à polícia e depositar valor em dinheiro, restituído somente no retorno. As restrições e violências contínuas levaram a que agentes operacionais israelenses buscassem resgatar famílias judias sírias, conduzindo-as a Israel através do Líbano, Turquia, países da Europa e dos Estados Unidos. Essas operações, realizadas em momentos diferentes, levaram à divisão de famílias sírias por diferentes continentes.

¹³ Michel Laub. A Saga de vidas belas dos judeus italianos no Brasil. São Paulo: Revista República, abr. 1999, ano 3, n.º.30.

¹⁴ O “Código de Alepo”, o Keter, com perda parcial, foi levado a Israel ao Instituto BenZvi. Rifca Berezin. Coletânea de Lembranças de Alepo. In, Morashá, ab, 1997.

A instabilidade europeia, decorrente da Guerra Fria, levou grupos de famílias judias da Síria a investirem nas possibilidades econômicas dos países latino-americanos. No período, o Brasil apresentava-se como opção desejável. Entre os judeus da cidade de Alepo que se instalaram em São Paulo estão os Safra e os Safdié, famílias de antigos e expressivos empresários do Oriente Médio que investiam nos setores financeiros e bancário.

Em número próximo a 70.000, os judeus do Egito viviam em antigas, prósperas e integradas comunidades no Cairo, Alexandria e outras cidades. Em 1952, ao derrotar o General Naguid, Gamal Abdel Nasser tornou-se único detentor do poder no país. Liderando a Liga Árabe, o presidente Nasser conseguiu direta oposição de todos os países árabes à “política expansionista” de Israel. Impedidos de emigrar a Israel, os judeus do Egito dividiram-se entre a França, Inglaterra, Itália e países da América.

A HIAS (“Hebrew Immigrant Aid Society”), organização judaica de ajuda ao imigrante, considerou a terra brasileira como local ideal de asilo aos imigrantes da segunda metade do século passado. Além de extensões de terra não ocupadas, o país estava em fase de expansão econômica, não apresentando como a Argentina, histórias de antissemitismo. No Brasil, imigrantes de várias origens religiosas, entre os quais, muçulmanos e judeus, viviam em harmonia e muitos ocupavam cargos na administração pública, sem que a etnia e a crença religiosa fossem lembradas e questionadas.

A emigração dos judeus egípcios ao Brasil, a partir de 1956, foi negociada entre os dirigentes egípcios e os rabinos Haim Nahoum Effendi e Aron Angel. O grão-rabino Nahoum Effendi que havia ocupado cadeira no Senado egípcio, com mais de oitenta anos, conseguiu tornar gradual o novo êxodo de famílias judias. Buscou o rabino regularizar a documentação, apresentando as famílias refugiadas aos dirigentes comunitários brasileiros.

No Brasil, limites expressos pelo chefe do Departamento de Imigração, do Ministério da Justiça à admissão dos refugiados judeus do Egito, foram contornados por Israel Klabin, industrial do Rio de Janeiro, a conselho de Augusto Frederico Schmidt¹⁵. O Presidente Juscelino Kubitschek permitiu a livre entrada de imigrantes judeus ao Brasil. Parte dos imigrantes de Alexandria, cidade balneária do Egito, foi atraída pelo

¹⁵ O funcionário, ligado ao político brasileiro Filinto Muller, havia exigido 50 dólares de cada imigrante judeu-egípcio.

Rio de Janeiro, porto de mar e capital do país. A *Congregação Religiosa Beth-El* e o CIB, clube recreativo *sefaradi* de Copacabana, receberam os novos imigrantes hoje, maioria frequente.

Grande número dos refugiados judeus dos países árabes fixou-se em São Paulo, cidade com amplas possibilidades de absorção a imigrantes de todas as origens. A experiência em negócios, a formação acadêmica e o domínio de línguas estrangeiras fizeram com que os judeus do Egito, da Síria e do Líbano se posicionassem em empresas próprias ou multinacionais, abertas a profissionais especializados e bilíngues¹⁶.

Em São Paulo, os novos imigrantes do Oriente Médio passaram a frequentar a *Shaar Hashamaim*, nome da *Sinagoga da Abolição*, situada na Bela Vista, próxima do centro. Samuel Del Giglio, presidente da Congregação, o rabino Diesendruck e Elias Mizrahi, *chazan* que falava o árabe, receberam aos novos imigrantes. A antiga sinagoga *sefaradi*, diante do número e assiduidade dos participantes, ganhou ânimo¹⁷.

Em pouco tempo, no início dos anos 60, a religiosidade do judeu-egípcio, Davide Douek, levou o gibraltino Isaac Levy, então presidente comunitário, a convidá-lo para diretor de culto. Reconstruída a sinagoga, agora *Templo Israelita Brasileiro Ohel Yacov*, a entonação das rezas da sinagoga *sefaradi* assume a entonação da maioria egípcia predominante.

Preocupados com a integração comunitária e com a formação religiosa das crianças e dos jovens, libaneses e alepinos propuseram-se a construir a sinagoga e uma escola. Em outubro de 1959, nas dependências da *Sinagoga da Abolição*, a família Safra e mais famílias constituíram a *Congregação e Beneficência Sefardi Paulista* e empreenderam a construção do templo na Rua Bela Cintra, no bairro de Cerqueira César. Poucos anos depois, outro maior foi construído no bairro de Higienópolis. A escola *Talmud Torá*,

¹⁶ A instalação de indústrias automobilísticas, eletromecânicas e farmacêuticas e de instituições financeiras e bancárias em São Paulo, permitiu aos novos imigrantes, pela formação universitária, a ocupação de cargos de diretoria destas organizações. Joe Piccioto, por exemplo, tornou-se um dos gerentes da Philco e, Gastão Levi, empregado da Gillette, tornou-se coordenador mundial da empresa em Boston.

¹⁷ A partir de 1952, cerca de 1.500 famílias judias egípcias chegaram ao Brasil, número considerado massivo, pois nunca antes tão grande número de judeus, em curto espaço de tempo, havia chegado ao Brasil. A localização, as pequenas dimensões das sinagogas e o regionalismo limitaram o interesse dos novos imigrantes pelas sinagogas da Mooca.

supervisionada por religiosos e *chazanim* da comunidade sírio-alepina e libanesa, iniciou programa educativo religioso às crianças e jovens da comunidade. Em 1964, a Congregação inaugurou o primeiro templo. O grande contribuinte, Jacob Safra, havia falecido pouco antes, em 1963.

No período, algumas famílias egípcias, ressentindo-se das dimensões da *Abolição*, propuseram a construção de outra sinagoga. Seus imensos e iluminados templos no Cairo e Alexandria contrastavam com a simplicidade da construção *sefaradi*. A crescente entrada de novos imigrantes da mesma origem foi primordial para a tomada da decisão.

Em 1959, Joseph Farhi encabeçou a compra de um terreno de 700 m², em Higienópolis, bairro onde muitos imigrantes egípcios haviam fixado residências. Durante as obras, algumas famílias acomodaram-se na casa-sinagoga da Rua Brigadeiro Galvão, desocupada pelos judeu-alemães em vista da inauguração da *Congregação Israelita Paulista*, a CIP, na Rua Antonio Carlos. Os judeus do Egito permaneceram no imóvel por vários anos até a finalização das obras de sua sinagoga. Doações concedidas pelos irmãos Laniado, somada ao apoio de Edmond Safra¹⁸ permitiram a construção de um templo amplo e majestoso, inaugurado no *Rosh Hashand* de 1967. Adotando o nome de *Congregação Mekor Haim*, os imigrantes homenagearam o grão-rabino do Egito, Haim Nahum Effendi.

A fundação de novas sinagogas, próximas aos locais de residências dos fiéis, levou a que os dirigentes da *Sinagoga da Abolição* tivessem dificuldades em manter fiéis para as rezas diárias. Embora Davide Douek, idealmente projetasse uma sinagoga, núcleo de grande praça na Bela Vista, em dezembro de 2001, acabou por aceitar a proposta do *sefaradi* Senhor Abravanel, popularmente conhecido como Sílvio Santos. Com negócios na região, o empresário propôs a permuta do terreno da sinagoga por outro, na região dos Jardins, próximo das moradias dos sócios. Os participantes da sinagoga, convocados a uma Assembleia Geral, concordaram com a construção de um novo templo, em outro local. Antecipamos que o projeto arquitetônico prevê um edifício amplo e moderno com amplas janelas, emolduradas pelos belos vitrais da antiga sinagoga e voltadas a uma área agradável e ajardinada.

¹⁸ A Sinagoga Mekor Haim foi construída com a colaboração dos fundadores e participantes. Jacob Laniado, ao falecer, doou à comunidade o valor de US\$ 25.000, utilizado no início das obras.

Na Mooca, em fins da década de 60, os dirigentes da *Sinagoga Israelita Brasileira* enfrentavam problemas diversos. As frequentes enchentes do Rio Tamanduateí, determinando a transferência de muitas famílias para outros bairros e a possível participação na sinagoga de descendentes, originários de “casamentos mistos”, cujos pares não haviam feito a conversão, passou a preocupar os religiosos. Os dirigentes passaram a acalantar a ideia da construção de uma nova sinagoga em Higienópolis, local para onde algumas famílias da Mooca se transferiram. Em abril de 1974, nos festejos de *Pessach*, foi inaugurado um amplo e moderno templo. Em junho de 1985, Isaac Michaan, nascido em São Paulo e participante do grupo *Beit Chabad*, foi convidado para chefe espiritual de uma comunidade que permaneceu por mais de 60 anos sem condução rabínica. Embora saudosos “dos tempos da Mooca”, os integrantes da sinagoga da *Congregação Monte Sinai* aos poucos acabaram aceitando as diretrizes do rabino. O trabalho do religioso provocou a “inversão do processo assimilativo” desejado pelos antigos fundadores que se transferiram para Higienópolis¹⁹.

Hoje, as antigas sinagogas da Rua Odorico Mendes, na Mooca, são frequentadas por idosos, ainda residentes no bairro e os poucos que vêm participar do *shabat* e das Grandes Festas. As duas sinagogas ainda estão separadas e os fiéis preocupam-se em manter os templos ativos. A proposta da fusão da *União Israelita Paulista* com a *Sinagoga Israelita Brasileira*, sugerida em 1985 por Isaac Amar, não foi aceita por algumas famílias.

A inserção sefaradis e judeus-orientais em São Paulo e Rio de Janeiro

Minoria do conjunto imigrante, os judeus do Oriente Médio, instalados nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, encontraram abertas todas as oportunidades oferecidas pela economia brasileira, em rápido processo de crescimento²⁰.

¹⁹ A aceitação do religioso na sinagoga não era unânime. Alguns criticavam a “exagerada” ortodoxia do rabino Isaac Michaan. Sabe-se que antigos participantes das sinagogas da Mooca transferiram-se para sinagogas asquenazis, de linha liberal. Recentemente, Isaac Michaan afastou-se da Congregação e substituído por David Azulay, também participante do Beit Chabad.

²⁰ Os dados estatísticos sobre a população de judeu-brasileiros são variáveis. Sérgio De La Pergola elaborou a pesquisa em 1990 de 100.000. No momento, a CONIB, apoiada pelas Federadas Estaduais, procede o recadastramento das famílias judias brasileiras.

Número expressivo de *sefaradis*, imigrantes das primeiras décadas do século passado, ocupou-se com a torrefação e o comércio do café. O corretor Vital Sion, ponte entre o comissário e o exportador, foi “rei do café” em Santos; seu sócio e primo Moise Hazan e os Curiel partilharam do mesmo sucesso, na cidade santista e no Rio de Janeiro; Isaac Vaena, além do café, negociava diversos produtos na Bolsa de Mercadorias de São Paulo, em escritórios situados no triângulo formado pelas São Bento, Direita e 15 de novembro, ruas do centro antigo da cidade.

No Largo do Café, popularmente conhecido como o *Beco dos Turcos*, muitos imigrantes judeus do Oriente Médio de São Paulo encontravam-se para fazer negócios e saber das novidades políticas e comunitárias. Neste espaço, o ladino, o francês, o turco, o grego, além do português, misturavam-se num verdadeiro mundo sem fronteiras. David Nahoum, que falava vários idiomas, transformou-se em intermediário dos negócios e amizades. Seu *Bar e Café Juca Pato* era frequentado por eminentes intelectuais da sociedade paulistana dos anos 40 e 50.

Além dos altos negócios do café, os *sefaradis* ligaram-se a diversos empreendimentos comerciais nas duas maiores cidades brasileiras. Estabelecidos em lojas de importação de tecidos finos, rendas e tapetes orientais, esses imigrantes tiveram oportunidade de conhecer e relacionar-se com expressivos políticos e empresários. Participantes de clubes exclusivos e elegantes do Rio de Janeiro, os Menaché, os Mussafir, os Chuek e os Cherem investiram em imobiliárias das décadas de 50 e 60, responsáveis pelos belos edifícios de Copacabana e Ipanema, bairros nobres da cidade. Interessante apontar que a liberalidade ou a imperceptível identidade religiosa desses *sefaradis* levou a antropóloga Vivian Flanzer considerá-los “um grupo invisível”, no qual a religião não se confundia com o social²¹.

Ao lado da sinagoga *sefaradi Beth El*, o amplo espaço social da CIB, em Copacabana, foi espaço onde se realizaram peças de teatro com atores hoje famosos²². No meio jornalístico destacaram-se Rubens Amaral e Isaac

²¹ Vivian Flanzer. Muros invisíveis em Copacabana. Uma etnografia dos rodeslis na cidade do Rio de Janeiro nos anos 20 e 30. In: Judaísmo, Memória e Identidade. Vol 1. UERJ, p. 81 a 90.

²² Cláudio Correa e Castro, Roberto de Cleto, Jonas Block, Yom Tov Azulay que, da carreira diplomática, passou a diretor de cinema, e o escritor e animador Daniel Azulay apresentaram-se no espaço.

Ruben Israel²³. Na cidade, na primeira década do século, a personalidade do judeu-brasileiro David José Pérez, de origem marroquina, destacava-se como responsável pelo “A Columna” primeiro jornal judaico escrito em português. Poucos anos depois, José Esquenazi Pernidji, especialista em Direito Internacional sobressaía-se na revista “Comentário”, fonte de informação dos meios universitários brasileiros do período. Sua dedicação aos estudos de História Judaica permitiu que representasse o Brasil em vários encontros internacionais. Na década de 60, além de Pernidji, destacaram-se o paulista Narciso Kalili e a singular figura do carioca Sefior Abravanel, conhecido como Sílvio Santos, filho de judeus de Esmirna e Salônica, hoje transformado em grande comunicador da televisão brasileira.

Em São Paulo, os Hasson, os Alalu, os Sereno, os Benbassati e os Stamati proporcionaram à elite paulistana o luxo e a beleza dos tapetes orientais e dos tecidos finos. Na cidade mineira de Governador Valadares, área de exploração e beneficiamento de minerais, Jaime Algranti, de São Paulo, foi um dos pioneiros na exportação da mica para os Estados Unidos. Associado aos irmãos Raphael e José, a família projetou-se também na exploração da caseína.

Embora, a maioria dos imigrantes da Mooca tenha garantido sobrevivência no comércio ambulante, as famílias Nigri e Sayeg, entre outras, iniciaram-se na indústria têxtil. Os Nigri e os Zitune, entre outros, investiram no setor imobiliário e em empresas de engenharia e arquitetura. A Tecnisa, a Coni, a Construtora Elias Victor Nigri, a dos Zitune e a Terepins e Kalili constituem hoje, empresas de expressão. Na indústria têxtil, foi notável a P. Sayeg. A tradicional Tecelagem Francesa, Tecidos Hasson, a Têxtil de Rendas Acácia e a Padronagem são apontadas, entre outras, como grandes distribuidoras de tecidos.

Nos meios artísticos do Rio de Janeiro e São Paulo, destacam-se concertistas e musicistas de importância, entre os quais, o consagrado Arnaldo Cohen, Eduardo Hazan, Roberto Sion, Cláudio Roditi, Rosette Houli Vaissman e Esther Fuerte ‘Wajman. Nas artes plásticas, entre outras, citamos Mônica Barki e Minam Nigri Scheirer, Matilde Algranti Salomon e Diana Dorothea Danon, hoje documentando, em desenho, as obras de

²³ Isaac Rubem Israel recomendou a Roberto Marinho, da rede Globo, a importação de aparelhagem técnica que permitiu a liderança da empresa nos meios de comunicação brasileira. Relato de Anna Barki Bigio a RM. São Paulo, 1999.

construção do metrô paulistano. No cancionário ladino, destaca-se a cantora Fortuna. Parte de seu repertório e a entonação do canto ladino foi-lhe passada por senhoras *sefaradis* de São Paulo.

Sefaradis e judeus-orientais projetam-se nos cenários cultural e universitário. Destacamos do conjunto, a pesquisadora Ida Hasson Voloch no Instituto Manguinhos, o endocrinologista Rubem Azulay, ambos do Rio de Janeiro; o professor Dr. Isaac Amar na Faculdade de Medicina, o cientista-social Bóris Fausto e o psicanalista Renato Mezan posicionam-se como eminentes pesquisadores da Universidade de São Paulo. No período de 1997 a 2001, Jacques Marcovitch ocupou o cargo de Reitor da mesma universidade. Marcovitch, que chegou ao Brasil com a família do Egito, aos 16 anos, conseguiu tão bem se posicionar nos meios intelectuais que, não passa pela cabeça de ninguém perguntar-lhe se é brasileiro. De professor titular da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (1997-2001), passou a diversas posições acadêmicas, entre as quais, a de Coordenador da Área de Assuntos Internacionais do Instituto de Estudos Avançados da USP, no período de 1993 a 97. Recebeu prêmios e distinções nacionais e internacionais e publicou vários livros e artigos em revistas científicas no Brasil e no exterior²⁴. Hoje, ocupa-se, oficialmente, de projetos administrativos para a cidade de São Paulo.

Além das profissões, artes e ciências, imigrantes e descendentes de judeus do Oriente Médio destacam-se em empresas do Terceiro Setor e, em fundações culturais. Do conjunto, destacamos os Safra e os Safdié, famílias que participam do núcleo de patrocinadores dos grandes eventos culturais do país. O apoio financeiro dessas famílias a numerosos projetos tem permitido a restauração de antigas sinagogas, museus e resgate de obras históricas e artísticas brasileiras e estrangeiras. Salientam-se, também, por divulgar em espaços próprios e públicos, a arte brasileira e internacional.

²⁴ Henrique Rattner (org.). Brasil no Limiar do século XXI. Alternativas para a Construção de uma sociedade sustentável. São Paulo, FAPESP e EDUSP, 2001, p. 366.